



Carta Aware

JUNHO 2025

Leia mais em nosso site: www.awaregestao.com

Estados Unidos

Neste verão, o solo americano mostra sinais de arrefecimento antes do esperado: o PIB dos EUA contraiu-se a uma taxa anualizada de 0,5% no primeiro trimestre, pior do que a retração de 0,2% projetada na última leitura, revelando uma estação mais modesta para o consumo e o investimento.

Em meio a esse terreno menos fértil, o mercado de trabalho mostrou um giro curioso: as vagas em aberto subiram em 374 000 unidades, alcançando 7,769 milhões em maio, enquanto as contratações recuaram em 112 000, sugerindo nuvens de incerteza pairando sobre as vagas de emprego.

No centro de comando de Washington, o Fed manteve as taxas entre 4,25% e 4,5%, a quarta manutenção seguida, num movimento cauteloso em que, embora sinalize cortes para mais adiante, desacelera o ritmo diante do fantasma de um cenário levemente “estagflacionário”. Será que essa coreografia dos juros terá fôlego? Enquanto isso, o núcleo da inflação medida pelo PCE avançou 0,2% em maio na base mensal (2,7% em termos anuais), um ligeiro passo além do esperado, como se a chama dos preços resistisse a arrefecer totalmente. Quem domará esse fogaréu de preços antes que a brasa se alastre? Na visão do poder Executivo, Powell já é passado, tendo em vista a incapacidade de agradar a diplomacia trumpista.

Na forja industrial, o PMI subiu de 52,0 para 52,9 pontos em junho, atingindo o ápice nos últimos 3 anos, mostrando que a produção manufatureira germinou robusta, ainda que parte dessa florescência seja impulsionada pela formação de estoques ante tarifas e gargalos na cadeia.

E no deserto do Golfo, as areias geopolíticas continuam a moldar as correntes do petróleo: após um tímido cessar-fogo entre Israel e Irã, o Brent ensaiou uma dança de queda de até 12% no fim do mês, mas o risco de novas hostilidades manteve o mercado vigilante, como se o Estreito de Hormuz fosse um portão que pode se fechar a qualquer momento. O caldo engrossou e a textura está similar à do commodity...Como sobremesa desse banquete macro, as disputas políticas também lançam sombras sobre o setor de tecnologia e energia limpa: Donald Trump chegou a afirmar que “consideraria deportar” Elon Musk, em retaliação às críticas do bilionário ao projeto de lei de impostos e gastos. Além disso, reforçou a intenção de “cortar todos os subsídios” à Tesla, caso as regulações de veículos elétricos avancem.

Europa

O Velho Continente navegou entre geadas comerciais e ventos de corte de juros em pleno verão europeu: as incertezas no sistema de comércio global, apontadas por Christine Lagarde, do BCE, continuam a resfriar a demanda externa, enquanto novas tarifas americanas lançam nuvens sobre exportações e cadeias de valor. Ao mesmo tempo, a inflação da zona do euro terminou cravada em 2%, exatamente na meta do BCE, e discursos de autoridades monetárias sinalizam flexibilidade absoluta para enfrentar choques. Em resposta a essas ondas, bancos centrais nórdicos surpreenderam com três cortes de juros em pouco mais de um dia, buscando conter os abalos tarifários dos Yankees.

O Ministério da Economia alemão destacou que a falta de previsibilidade no comércio internacional ameaça enfraquecer a maior economia do continente, que já enfrenta desaceleração industrial. O presidente do Bundesbank reforçou a disposição do BCE em agir com "máxima flexibilidade" na política monetária, sem descartar novos estímulos se necessário. Apesar disso, o PMI industrial subiu levemente a 49 em junho, sugerindo que a manufatura alemã ensaia uma retomada, embora ainda não consiga marcar território de expansão acima de 50 pontos.

No Reino Unido, houve um breve lampejo de vitalidade: o PIB cresceu 0,7% no primeiro trimestre de 2025, o ritmo mais rápido em um ano, após uma corrida de compradores e um impulso fabril para antecipar tarifas de importação. Entretanto, os depósitos bancários mostraram alta modesta em maio, refletindo uma confiança cautelosa no sistema financeiro local. Na forja dos negócios, o PMI industrial subiu para 47,7 em junho, confirmando que a atividade ainda se encontra em terreno contrátil, mas com sinais de acomodação.

Ásia

China

A segunda maior economia mundial segue sob pressão, com a atividade industrial desacelerando pelo terceiro mês consecutivo, ainda que em ritmo menos intenso, e alimentando pedidos de novos estímulos fiscais e monetário. Ao mesmo tempo, Pequim confirmou avanços em um acordo comercial com os EUA para retomar exportações de minerais essenciais, sobretudo terras raras, enquanto Washington se prepara para suspender controles de exportação que vinham travando cadeias globais de suprimentos. Em resposta aos ventos de incerteza internas e externas, o PBOC prometeu calibrar o ritmo da política monetária conforme as condições econômicas evoluam, orientando bancos a ampliar crédito e reduzir custos de financiamento.

O PMI oficial da indústria caiu para 49,7 em junho, refletindo níveis ainda contráteis, mas apontando estabilidade em relação a maio. Os dados do Caixin/S&P Global oferecem um contraponto e mostraram expansão, com o índice subindo para 50,4 em junho, impulsionado por novos pedidos domésticos, embora as encomendas de exportação sigam em território negativo. Esse contraste reforça a visão de que a recuperação interna dá os primeiros passos, mas que os choques externos e bolsões de confiança moderada ainda limitam uma retomada mais robusta.

O acordo de terras raras com os EUA representa um alívio estratégico, já que esses minerais são críticos para baterias elétricas e defesa, e o compromisso de aceleração dos embarques deve apoiar fabricantes globais. Em paralelo, o governo chinês sinaliza interesse em manter a flexibilidade dos estímulos, ponderando entre apoio mais vigoroso ao setor imobiliário e a necessidade de evitar desequilíbrios financeiros. A confluência desses movimentos de desaceleração industrial, ajuste político-monetário e avanços em negociações comerciais define o cenário externo para a China neste início da segunda metade do ano, em que estímulos calibrados e estabilidade nos mercados serão cruciais para sustentar o ritmo de crescimento.

Ásia

Japão

Os dados mais recentes da ilha nipônica mostram que a economia contraiu 0,2% em termos anualizados no primeiro trimestre de 2025, revisão que indica um desaquecimento menos intenso do que os -0,7% inicialmente estimados. Essa melhora foi impulsionada por um ajuste positivo de 0,1% no consumo privado, embora o exterior ainda tenha sido um peso negativo, e sinaliza que o país suporta melhor as incertezas comerciais com os EUA. A indústria voltou a crescer em junho, com o PMI subindo para 50,4 pontos, o primeiro resultado acima dos 50 em 11 meses. Isso corrobora o fortalecimento da demanda interna, mesmo com encomendas de exportação ainda em território negativo.

Nas negociações comerciais, o governo japonês segue firme na busca de um acordo “que beneficie tanto o Japão quanto os EUA”, segundo Kazuhiko Aoki, vice secretário-chefe do Gabinete, mesmo após Donald Trump ameaçar impor tarifas de até 35% sobre produtos japoneses. O primeiro ministro Shigeru Ishiba reforçou que protegerá os interesses nacionais, lembrando que o Japão é o maior investidor nos EUA e criador de empregos, e não aceita comprar bens americanos apenas para equilibrar a balança comercial.

Enquanto isso, BoJ vive um dilema interno: alguns diretores defendem manter a taxa de juros em 0,5% devido à incerteza sobre o impacto das tarifas dos EUA, enquanto outros alertam que a inflação já supera o esperado e pode exigir um aumento decisivo das taxas. Na reunião de junho, o BC optou pela pausa, mas decidiu desacelerar o ritmo de redução de seu balanço patrimonial em 2026. A inflação ao consumidor acelerou para 3,7% em maio, pressionada principalmente pela alta nos preços dos alimentos. O arroz, base da culinária japonesa, dobrou de preço em um ano, desafiando o governo a equilibrar subsídios e estoques estratégicos para conter o custo de vida.

Índia

Em Nova Délhi, o RBI recomendou conservar o alvo de inflação em 4%, com banda de tolerância de 2%–6%, reafirmando o uso do índice de preços ao consumidor como referência principal para a política monetária. Em maio, a inflação ao consumidor desacelerou para 2,82% na base anual, abaixo do esperado e mantendo-se sob o teto do regime, o que reforça o argumento a favor de cortes nas taxas. Atendendo a essa nova janela de oportunidade, o Banco Central reduziu a taxa básica de 6,0% para 5,5% ao ano em sua reunião de junho, a primeira queda de meio ponto porcentual em mais de quatro anos, com o objetivo de sustentar o ritmo de crescimento diante de um ambiente externo desafiador. Essa decisão também sinaliza confiança de que a desaceleração global pressiona menos a inflação doméstica, dando espaço ao banco central para acomodar a economia sem comprometer a estabilidade de preços

América Latina

Argentina

A economia hermana vem dando mostras de recuperação mais vigorosa do que o previsto, impulsionada pela suspensão dos controles cambiais promulgada anteriormente por Javier Milei. No primeiro trimestre de 2025, o PIB avançou 5,8% em relação ao mesmo período de 2024 e cresceu 0,8% frente ao trimestre anterior, sustentado por investimentos em construção, maquinário e transporte. Em abril, a atividade surpreendeu novamente, subindo 1,9% na comparação mensal e acumulando alta de 7,7% em doze meses, sinal de que o consumo e a indústria ganharam fôlego após a abertura do câmbio.

No mercado de trabalho, porém, a velocidade do ajuste custa empregos formais. A taxa de desemprego chegou a 7,9% no primeiro trimestre, maior nível desde 2021, com queda de 200 mil postos assalariados formais e crescimento apenas nos empregos autônomos, evidenciando um tecido empresarial ainda fragilizado.

Para reforçar as reservas e domar a inflação, o governo anunciou um pacote de captação de até US\$ 7 bilhões que substituirá a antiga taxa básica de juros por um sistema de controle de agregados monetários e elevará compulsórios bancários. Essa manobra fiscal e monetária cria uma corda bamba em que o mercado define o custo do dinheiro, enquanto o Banco Central assume o risco de volatilidade cambial.

No front jurídico, um tribunal dos EUA determinou que a Argentina desista de sua participação de 51% na YPF, maior petroleira nacional, para quitar parte de uma condenação de US\$ 16,1 bilhões, decisão que Milei prometeu recorrer, classificando o caso como legado "da gestão Kirchner". Esse litígio representa um risco adicional para as reservas do país e pressiona o governo a equilibrar urgência fiscal com estabilidade política.

México

Em solo mexicano, a recuperação se equilibra entre avanços e desafios. Para 2025, projeta-se o PIB estagnado em 0%, revertendo a previsão inicial de 0,2%, diante da fraqueza da demanda interna e da incerteza política que freiam investimentos e consumo. No primeiro trimestre, porém, o PIB registrou crescimento de 0,2% frente ao trimestre anterior, sustentado pela antecipação de exportações aos EUA antes das tarifas, enquanto a demanda interna caiu 1,1% no mesmo período.

A inflação ao consumidor ultrapassou 4% em maio, teimando acima do teto da meta e pressionando o poder de compra das famílias. Em resposta, o Banco do México reduziu a taxa básica de 8,5% para 8,0% ao ano em junho, o primeiro corte de meio ponto em mais de quatro anos, sinalizando compromisso com o crescimento sem perder de vista o controle de preços.

América Latina

México (Cont.)

Com o histórico de fuga de capitais em cenários de volatilidade, o mercado agora observa como a combinação entre estímulo moderado e confiança renovada poderá atrair recursos externos de volta ao país. A trajetória de 2025 dependerá da capacidade do Banco do México em calibrar cortes adicionais sem desancorar as expectativas de inflação e da evolução da confiança empresarial diante das incertezas políticas.

Brasil

A reunião do Comitê de Política Monetária (Copom) do Banco Central foi um dos principais destaques do mês. O colegiado decidiu elevar a taxa Selic em 0,25 ponto percentual, levando-a para 15% ao ano. A ata da reunião reforçou que a Selic deve permanecer em patamar elevado por um período prolongado, refletindo o compromisso do Banco Central diante da resiliência do consumo interno e das expectativas inflacionárias ainda desancoradas.

Essa postura cautelosa da autoridade monetária se justifica diante da inflação ainda acima da meta. O IPCA de maio registrou alta de 0,26%, mostrando desaceleração em relação ao mês anterior e acumulando 5,32% em 12 meses. O IPCA-15 de junho, que funciona como uma prévia da inflação oficial, também subiu 0,26% e acumulou 5,27% em 12 meses. Apesar do alívio, a inflação permanece acima do centro da meta, exigindo vigilância e justificando a manutenção dos juros elevados.

Paralelamente, o mercado de trabalho brasileiro seguiu dando sinais de força. O saldo de empregos formais superou a marca de 1 milhão de novas vagas nos cinco primeiros meses do ano, com destaque para a criação de quase 149 mil empregos em maio. Esse dinamismo contribuiu para a queda da taxa de desemprego, que atingiu 6,2% no trimestre encerrado em maio, o menor patamar em uma década.

Cabe destacar que tanto as divulgações referentes à inflação quanto as divulgações a respeito da geração de empregos vieram abaixo do esperado pelo mercado. Além disso, as últimas divulgações do boletim Focus têm apresentado redução nas expectativas de inflação para o final do ano, que apesar de ainda acima da meta, podem indicar o início da ancoragem de expectativas entre os agentes e posterior convergência da inflação à meta.

No campo fiscal, o setor público consolidado registrou déficit primário de R\$ 33,7 bilhões em maio. Em doze meses, no entanto, acumula superávit de R\$ 24,1 bilhões, ou 0,20% do PIB. A relação dívida/PIB subiu para 76,1%, evidenciando que, apesar da melhora no resultado primário, o desafio da sustentabilidade fiscal permanece. Em junho, o debate sobre o IOF ganhou destaque, com o Congresso revertendo os aumentos de alíquotas promovidos pelo governo, em resposta à pressão do setor privado e preocupações com o impacto sobre a atividade econômica.

Juros & Câmbio

No Brasil, o mês de junho foi marcado por movimentos distintos na curva de juros futuros. Após a decisão do Copom de elevar a Selic para 15% ao ano, a curva apresentou abertura nos vencimentos curtos, refletindo a expectativa de manutenção da taxa em patamar elevado até o fim de 2025. Já os vértices intermediários e longos registraram fechamento, influenciados por sinais de desaceleração inflacionária, especialmente após a divulgação do IPCA-15 de junho, que veio abaixo das expectativas do mercado. O cenário reforça a percepção de que, apesar do tom mais duro do Banco Central, há confiança de que cortes mais expressivos de juros poderão ocorrer adiante, caso a dinâmica inflacionária continue benigna.

A comunicação da autoridade, ao sinalizar a intenção de interromper o ciclo de aperto monetário na próxima reunião, contribuiu para a desinclinação da curva. No campo fiscal, a reversão do aumento do IOF pelo Congresso trouxe algum alívio ao mercado, mas a discussão sobre novas medidas de arrecadação e ajustes tributários manteve a volatilidade dos contratos de DI e a cautela dos agentes econômicos.

Nos Estados Unidos, junho foi marcado por queda nos rendimentos dos Treasuries, tanto de curto quanto de longo prazo. O yield dos títulos de 2 anos recuou para 3,73%, enquanto o dos papéis de 10 anos caiu para 4,23%. O movimento refletiu sinais de desaceleração econômica e ajustes nas expectativas quanto à trajetória dos juros pelo Federal Reserve. Apesar disso, a resiliência do mercado de trabalho americano e as incertezas fiscais e geopolíticas continuaram a influenciar os yields e os mercados emergentes.

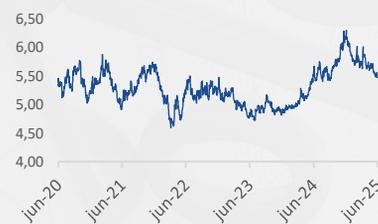
No mercado de câmbio, o dólar encerrou junho cotado a R\$ 5,43, acumulando queda de 4,99%. O real se beneficiou do alívio nas tensões externas e da entrada de fluxo estrangeiro, mesmo diante das incertezas fiscais domésticas. O movimento foi favorecido também pela menor volatilidade do dólar no exterior e pela expectativa de manutenção do diferencial de juros elevado no Brasil.

No cenário internacional, o índice DXY registrou forte queda de -2,47% no mês, indo a 96,88, refletindo o impacto das incertezas fiscais nos EUA e a expectativa de cortes de juros mais à frente. O ouro, por sua vez, apresentou leve desvalorização, impulsionado por movimentos pontuais de aversão ao risco, mas sem grandes alterações em relação ao mês anterior.

Moedas

Dólar	5,43	-4,99%
Euro	6,50	0,15%
Libra	7,71	0,12%
Yuan	0,79	-3,79%
Iene	3,97	0,16%
Lira Turca	0,14	0,14%

Evolução Dólar



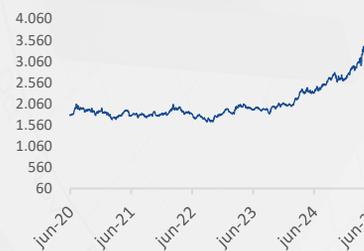
Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução DXY



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Evolução Ouro



Fonte(s): Yahoo Finance. Elaborado pelo Aware Investments

Bolsas

O mês de junho confirmou o fortalecimento do apetite global por ativos de risco. Em um ambiente ainda marcado por tensões geopolíticas e incertezas comerciais, os mercados reagiram positivamente à percepção de acomodação da política monetária internacional, com bolsas renovando máximas, o dólar perdendo força e as curvas de juros recuando em diversas economias.

No cenário externo, os conflitos no Oriente Médio e o avanço da agenda tarifária nos Estados Unidos geraram cautela, mas não impediram o bom desempenho dos mercados acionários. A estabilidade monetária, combinada a sinais de desaceleração da inflação e à resiliência da economia americana, sustentou os principais índices de ações. O S&P 500 avançou 0,52% no mês, renovando sua máxima histórica, enquanto o Nasdaq também encerrou junho em patamar recorde. Ainda assim, múltiplos mais elevados nos EUA vêm reduzindo o potencial de valorização adicional, favorecendo a rotação gradual de fluxos para Europa e emergentes.

No Brasil, o Ibovespa teve bom desempenho, com alta de 1,3%, impulsionado pela valorização do real, queda nas taxas de juros futuras e ingresso de capital estrangeiro. A moeda brasileira se apreciou e encerrou junho abaixo de R\$5,50, refletindo o alívio nos prêmios de risco e a percepção de um Banco Central menos restritivo. O IPCA-15 mostrou desaceleração para 0,26%, reforçando a leitura de desinflação gradual no país.

Além do ambiente macro mais favorável, o avanço da bolsa foi sustentado por resultados corporativos sólidos e pela resiliência da atividade econômica. A tramitação da reforma tributária e os riscos fiscais, no entanto, seguem como obstáculos a uma recuperação mais firme. A busca global por valor relativo deve seguir impulsionando fluxos para emergentes, beneficiando o Brasil, embora o cenário ainda exija atenção diante da volatilidade externa e dos desafios internos.

Em síntese, junho marcou uma recuperação significativa para os ativos de risco, com o Brasil se destacando entre os principais mercados globais. A inflação, os rumos da política fiscal e o comportamento dos juros, aqui e no exterior, seguirão como vetores centrais para os mercados no segundo semestre de 2025.

Índices

Ibovespa	138.854	1,3%
S&P 500	6.173	0,52%
Nasdaq	22.679	6,27%
Euro Stoxx 50	5.303	2,59%
Shanghai	3.559	5,27%

Ibovespa



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

S&P 500



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Índice EWZ



Fonte(s): Investing. Elaborado pelo Aware Investments

Perspectivas

Junho consolidou um cenário mais construtivo para os mercados, com destaque para o fortalecimento do apetite por ativos de risco. A combinação entre inflação em desaceleração, sinais de fim do ciclo de alta de juros e expectativa de estímulos calibrados em grandes economias impulsionou bolsas, reduziu prêmios de risco e favoreceu emergentes como o Brasil.

A economia americana entrou no verão com sinais de enfraquecimento, com o PIB recuando 0,5% no primeiro trimestre e desaceleração no consumo e investimentos. O mercado de trabalho segue resiliente, mas as contratações estão cautelosas. O Federal Reserve manteve os juros estáveis, diante de uma inflação persistente e riscos de estagflação, enquanto a manufatura surpreendeu positivamente. No cenário externo, o petróleo oscilou com o cessar-fogo entre Israel e Irã, e tensões políticas internas cresceram com declarações de Trump sobre Tesla e Elon Musk.

Na Europa, cortes de juros foram adotados para conter os efeitos das tarifas americanas e a desaceleração industrial, principalmente na Alemanha, com o Reino Unido mostrando crescimento pontual, mas indústria ainda fraca. Nesse contexto global fragmentado, a diversificação geográfica dos investimentos é essencial para criar portfólios mais resilientes no segundo semestre.

O primeiro semestre de 2025 trouxe um ambiente especialmente favorável para os mercados emergentes, com destaque para o Brasil, que se beneficiou da valorização do real, queda nas taxas de juros futuras e forte ingresso de capital estrangeiro. A combinação entre desinflação gradual, estabilidade monetária internacional e apetite global por risco sustentou o desempenho positivo dos ativos locais, enquanto o alívio nas tensões externas e a perspectiva de um Banco Central menos restritivo reforçaram a atratividade do país. Se o segundo semestre repetir a dinâmica do primeiro, estaríamos diante de um dos melhores anos para os emergentes na última década.

No entanto, esse cenário ainda depende de variáveis sensíveis e imprevisíveis, como o comportamento da inflação nos EUA, a continuidade da desaceleração econômica global, as decisões de política monetária e os desdobramentos fiscais internos — tanto aqui quanto nas principais economias. O momento é positivo, mas exige cautela, gestão ativa e visão estratégica para navegar um ambiente que, embora promissor, segue sujeito a reprecificações rápidas. Mantemos nossa convicção de que a disciplina na alocação e a diversificação global seguem como pilares fundamentais em ambientes voláteis.

Continuamos construindo portfólios alinhados ao perfil de cada investidor, com visão de longo prazo, resiliência e foco em ativos que gerem valor de forma sustentável ao longo do tempo.



Disclaimer

Nossas opiniões são frequentemente baseadas em várias fontes, já que despendemos grande parte de nosso tempo com análises de amplitude global de vários bancos, gestores, corretoras e consultores independentes.

Todas as opiniões contidas neste relatório representam nosso julgamento até esta data e podem mudar sem aviso prévio, a qualquer momento.

As informações contidas neste material são de caráter exclusivamente informativo e não devem ser consideradas como uma oferta de aquisição de cotas dos fundos de investimentos. Rentabilidade passada não é garantia de rentabilidade futura, sempre leia o prospecto e o regulamento antes de investir.

Be **AWARE** with your
investments

AWARE INVESTMENTS
Multi Family Office

Brasil • Portugal • Suíça

contato@awaregestao.com
www.awaregestao.com